

PASSEIO PÚBLICO

28 MINUTOS COM

HUSSAIN AGA KHAN “NÃO TENHO UMA FÉ INFINITA NAS PESSOAS”

O PRÍNCIPE MERGULHA DESDE OS 14 ANOS
PARA FOTOGRAFAR A VIDA SELVAGEM
E OS ECOSSISTEMAS AGORA AMEAÇADOS
PELAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

ENTREVISTA CRISTINA PERES

Inspirado pelos documentários de Sir David Attenborough, o príncipe Hussain Aga Khan, um dos quatro filhos de Aga Khan IV, tem dedicado a vida à fotografia de conservação. Viaja por todo o mundo para captar as imagens que mostra em grande formato em exposições como a que está patente na Fundação Aga Khan, em Lisboa. Ao percorrer as imagens, o príncipe fala dos animais com a familiaridade de quem foi convidado para a “sua casa” e ficou para o chá. Autor de vários livros das suas expedições, Hussain é modesto, tímido, repete que não é nem cientista nem lhe cabe fazer palestras sobre o que “tantos outros fazem melhor do que eu”. Reconhece que tudo o que faz depende de “uma grande sorte” e prefere usar a emoção e o fascínio que tem pelo mundo natural para registá-lo para o futuro.

Como define o que faz?

O que faço é fascinante e emocional, adoro estas coisas desde que era mesmo muito novo, desde os 5 anos que lido com peixes, mergulho desde os 14 anos, para mim todo este mundo é vivo, interessante, vivaz e fantástico. Manter, salvar, tudo me interessa. Não pretendo ser uma pessoa que não sou, não finjo ser pescador, não mostro tubarões ensanguentados ou mantas a serem mortas... eu mostro a beleza, que é fantástica e que, para mim, é o foco do que temos de preservar e salvar. Por enquanto mostro às pessoas o que tem de ser salvo e que nós estamos a perder a uma velocidade muito acelerada.

Assume ser uma pessoa com sorte, que pôde escolher fazer isto, mas a sua vida não é só mergulhar e fotografar.

Não, não é. Trabalho também com a minha família e para a comunidade. Mergulhar tem sido a minha paixão desde os 5 anos e trabalho em conservação desde os 12 ou 13. Faço fotografia de conservação, quero mostrar às pessoas como são fascinantes, diversos, interessantes e belos os mares e as criaturas que lá vivem. É verdade que encontramos cada vez mais plástico nos sítios das filmagens, não sei como isso vai

afetar a gravidez das várias espécies ou o que vai fazer à expectativa de vida delas se não nos livrarmos do plástico ou reduzirmos drasticamente a sua utilização. É dramático que a partir de 2050 haja mais plástico nos oceanos do que peixes... Sou uma das últimas testemunhas do auge da vida selvagem. Ainda vejo abundância e diversidade e beleza, mas se o curso das coisas continuar como parece que vai ser o caso, vai tudo desaparecer e morrer.

Alguns dos modelos de cálculo da evolução da poluição dos mares eram esperançosos e davam mais tempo...

Eram e não é verdade. Dizem que as condições meteorológicas das semanas mais quentes de julho deste ano equivaliam aos modelos previstos para 2050. Já aqui estamos!

Também faz palestras?

Sim, às vezes. Fui convidado para uma conferência sobre ambiente em Estocolmo há dois anos e adaptei um discurso que tinha escrito e feito originalmente para uma exposição em Nairobi. Sou tímido, não gosto muito de falar em público, não sou mau a fazê-lo, mas sou tímido. Acho que a palestra correu muito bem porque foi mais emocional e sensível do que académica e às vezes isso é mais eficaz do que os gráficos e números da academia. Eu não sou um cientista nem sou muito bom com dados científicos... porém preocupo-me profundamente com as coisas e sei bastante sobre algumas, o que é uma mistura eficaz. Nunca tive a expectativa de ser académico ou ativista.

Comunica com as fotografias. Qual é o seu processo? Com que tipo de equipa conta?

Tenho dois homens incríveis a trabalhar para mim em Paris há 15 anos, o Antonin Potoski e o Patrick Codomier. São eles que selecionam as fotografias, fazem as brochuras e os livros, são eles que montam as minhas exposições e tratam dos meus websites, são eles que fazem as impressões brilhantes das fotografias, que produzem os milhares de fotografias, acho que tiro umas 60 mil fotografias em cada expedição, compro cartões para as câmaras com cada vez maior capacidade. Tenho sempre comigo uma segunda câmara preparada caso aconteça alguma coisa espetacular... Tenho um assistente em cada viagem e contrato sempre um ou mais guias locais, o que é obrigatório, senão é fácil não se reconhecer o que se vai fotografar. Há muitos pormenores sobre o que estamos a ver que simplesmente não sabemos ou comportamentos dos animais que não compreendemos se não tivermos alguém a explicá-los.

Como escolhe os sítios onde fotografa?

Interesso-me pela biodiversidade, por isso interessam-me os bancos de corais no Pacífico Sul, e escolho as florestas tropicais. Tento mergulhar em todo o mundo e tento ver o mais possível, os golfinhos nas Baamas, do Egito e do Tonga, viagens que já repito há alguns anos, e faço outras pelo meio. Nunca mergulho sozinho, tem de haver sempre outra pessoa porque pode ser perigoso por causa de alguma falha no equipamento ou atitudes estúpidas. O perigo não são os animais, nem tubarões nem venenos. Mergulho há 34 anos e só o fiz duas vezes sozinho. Alugo os barcos, levo o meu assistente e os guias e conto com os dois homens em Paris para quase tudo. Sou eu quem as tira, mas são os homens de Paris que fazem as minhas fotografias acontecer, sem eles não sou nada.

Mostrar o mar como ele é e como é habitado é muito atraente também para a comunidade científica. É solicitado por ela?

Cada vez mais me pedem para falar e mostrar fotografias, mas na verdade eu sou amigo dos melhores fotógrafos do mundo e, para





“SE HÁ DEZ ANOS ALGUÉM ME DISSSE QUE AS GIRAFAS SE IRIAM EXTINGUIR EU CHAMAR-LHE-IA LOUCO”

ser honesto, eu sou mau comparado com os meus amigos. Fazem fotografias dez vezes melhores do que as minhas. Na verdade, surpreende-me que as pessoas queiram ver as minhas fotografias e eu sei que tenho boas fotografias, mas fazem coisas que eu nem daqui a 50 anos saberia fazer.

O que não é suficiente para levá-lo a desistir?

Não, claro que não. Se eu puder tirar fotografias, mostrá-las às pessoas e encorajá-las a proteger o ambiente e os animais... eu tento salvar a vida selvagem e os seus ecossistemas antes que seja demasiado tarde. Isso vale a pena!

A fundação FON (Focused on Nature) está por trás ou é uma consequência da sua atividade?

Resulta fundamentalmente do meu dinheiro. Não sou muito bom a angariar fundos nem a pedir dinheiro. Interessa-me alertar consciências com estas exposições, a minha família na Fundação Aga Khan trabalha com desenvolvimento, ambiente e alterações climáticas, e eu não tenho uma organização com botas no terreno. Faço a parte da conservação que me interessa e tenho contribuído para organizações que fazem conservação no terreno desde os meus 14 anos. Escolho as espécies e os ambientes que mais me interessam: golfinhos, baleias, tubarões, mantas, elefantes (que estão a ser mortos a um ritmo que vai levá-los à extinção em dez anos se não pararmos a matança), tartarugas e florestas tropicais, é o que mais me interessa. Faço doações a organizações nas quais acredito e que podem fazer um trabalho de que eu não sou capaz.

Qual é o maior problema na sua opinião?

A educação é um grande problema: as pessoas não podem ajudar naquilo que não compreendem e há muita gente que não sabe o que é que se está a passar porque não lhes é dito, porque não estão no terreno, porque não têm amigos a trabalhar nestas áreas ou não veem exposições sobre estes assuntos, sejam eles o abuso dos plásticos ou outros temas, muitas pessoas simplesmente não sabem.

Como lida com as grandes oportunidades mediáticas para abordar a ameaça à vida selvagem, como as conferências das Nações Unidas?

Não estou interessado em ser visível nem em ser uma dessas vozes que falam alto. É horrível aquilo a que assisto e é terrível que os políticos não tenham coragem para fazerem o que é necessário. Fui à Austrália em 2015 e desde então mais de metade da barreira de corais morreu. Vejo estas coisas que me horrorizam e os processo de aniquilação estão a acelerar. Se há dez anos alguém me dissesse que as girafas se iriam extinguir eu chamar-lhe-ia louco... Quando fiz o meu primeiro livro em 2004 apenas duas ou três espécies estavam em perigo de extinção e tudo se acelerou para lá de susto.

A matéria do seu trabalho está a diminuir? Não é uma boa perspetiva.

[Gargalhada] É verdade. Estou a beneficiar do último momento da abundância, mas estou também a registar para o futuro o que tínhamos e estamos a perder. Não tenho uma fé infinita nas pessoas, mas tenho esperança que se decida desacelerar a destruição. ●